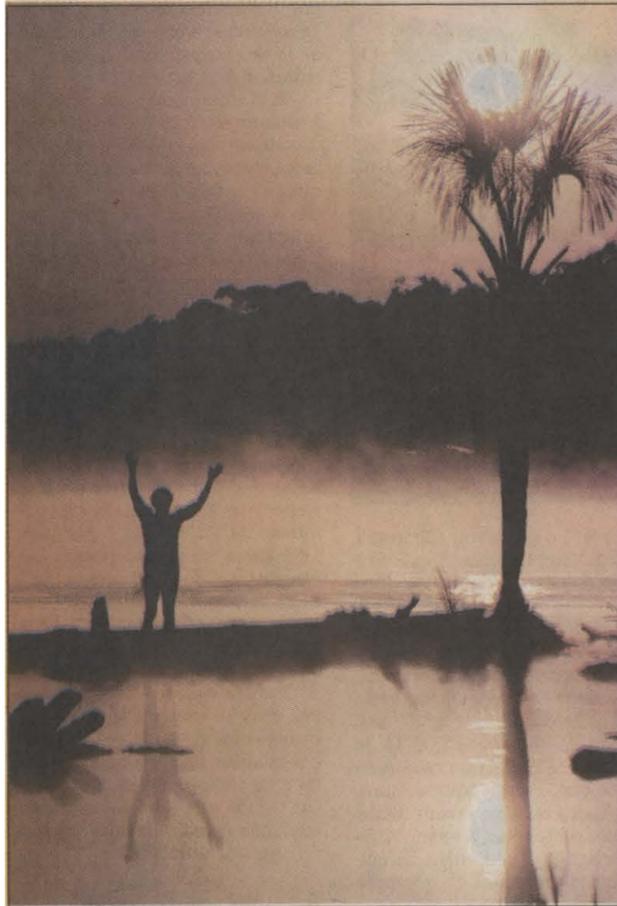




Incêndios rondam a celebração do Quarup



Área destruída por incêndio, próxima à reserva indígena



Fim de tarde na área onde o volume dos rios também diminuiu

Focos de incêndio ameaçam o Parque Nacional do Xingu, onde os índios repetiram, no fim de semana, o ritual que homenageia os mortos

NÁDIA TIMM

A última festa do Quarup de 1998 – a mais importante celebração indígena do Brasil – foi realizada no fim de semana, na aldeia Iaulapiti, no Parque Nacional do Xingu. O ritual que homenageia os mortos reuniu oito etnias, palavra politicamente correta para a designação de tribos, e cerca de 2 mil índios, que acamparam em torno da aldeia. Desta vez, as noites com as estrelas encobertas pela fumaça indicavam a proximidade de um grande incêndio e provocavam indignação. Na opinião dos índios, os responsáveis são os fazendeiros das fronteiras do parque, que insistem em entrar na reserva.

O yayat, uma espécie de chefe do Quarup, foi o cacique Aritana Iaulapiti. Na noite de sábado, um ritual de dança e música marcou o fim de um período de luto. Troncos da árvore quarup, com ornamentos e pinturas, foram instaladas no centro da aldeia Iaulapiti, na frente de uma oca onde as mulheres não entram. Os homens são os protagonistas da festa. Os troncos simbolizam os mortos e um dos objetivos da cerimônia é libertar suas almas que estão “presas às flores e ao rio”, conta o pajé Takumã. Pela tradição, as fogueiras ficam acesas a noite inteira, e muitas vezes há gritos, que são respondidos em coros, para “espantar os males”.

Na pintura corporal, são usados óleo de pequi, jenipapo, urucum e fuligem, e para cada momento da cerimônia, os desenhos são modificados. No huka-huka, quando ocorrem as lutas entre os melhores guerreiros de cada aldeia, o Quarup chega a seu momento de alegria. A pintura, que pode ser executada por homens ou por mulheres, toma novas formas e aparecem elementos simbolizando animais selvagens. Para ser um campeão de huka-huka, os adolescentes são treinados durante o ano inteiro.

A antropóloga Mari Baiocchi, coordenadora de Estudos e Pesquisas da Funai, explica que a importância do Quarup também está vinculada às colheitas do próximo ano. “Por essa razão, dez dias antes, eles realizam pesca coletiva e defumam grandes quantidades de peixe”, ensina. A festa tem ainda um forte simbolismo e representa o mito da criação, vinculado, inclusive, à fertilidade. Alguns meses antes do Quarup, uma in-

dia virgem fica enclausurada e somente ao final da festa ela sai da reclusão pelas mãos do yayat.

A celebração é encerrada com um ritual onde os tocadores de “flautas longas”, acompanhados por duas moças, entram em todas as cabanas da taba, entoando melodias. Em seguida, todos os participantes da cerimônia tomam banho no rio para retirar as pinturas.

O último Quarup do ano foi reservado à comunidade indígena e com poucos convidados não-índios. Entre eles, o embaixador da Alemanha, Claus Duisberg, e Noé Villas-Boas, filho do sertanista Orlando Villas-Boas, um dos fundadores do Parque Nacional do Xingu. Outra convidada especial foi a marchande Célia Câmara, vice-presidente da Organização Jaime Câmara, que está desenvolvendo um trabalho artístico na aldeia Camaiurá.

O Quarup realizado em julho – segundo os índios –, foi perturbado pelos 200 visitantes ao Xingu, entre eles 30 jornalistas, que algumas vezes chegaram a invadir a privacidade da comunidade. A questão do uso de imagens sem autorização e sem contrato prévio também está na mira da Funai, que busca medidas eficazes para impedir o abuso.

A cultura é um dos aspectos mais relevantes dessas sociedades e para preservá-la algumas pessoas – carregadas de boas intenções ou não –, em contato com lideranças do Xingu, estão formando organizações, principalmente Ongs, e claramente monitorando as iniciativas culturais dos índios. Fica a questão: até que ponto essa interferência está incidindo sobre a organização indígena e destruindo, aniquilando seu sistema social, político, econômico e cultural? No momento em que se discute os 500 anos de descobrimento, o Quarup tem uma dimensão ainda maior. É uma celebração cultural grandiosa que aponta para a necessidade de a sociedade nacional decidir qual é o seu papel na construção de um Brasil onde o índio finalmente tenha vez.

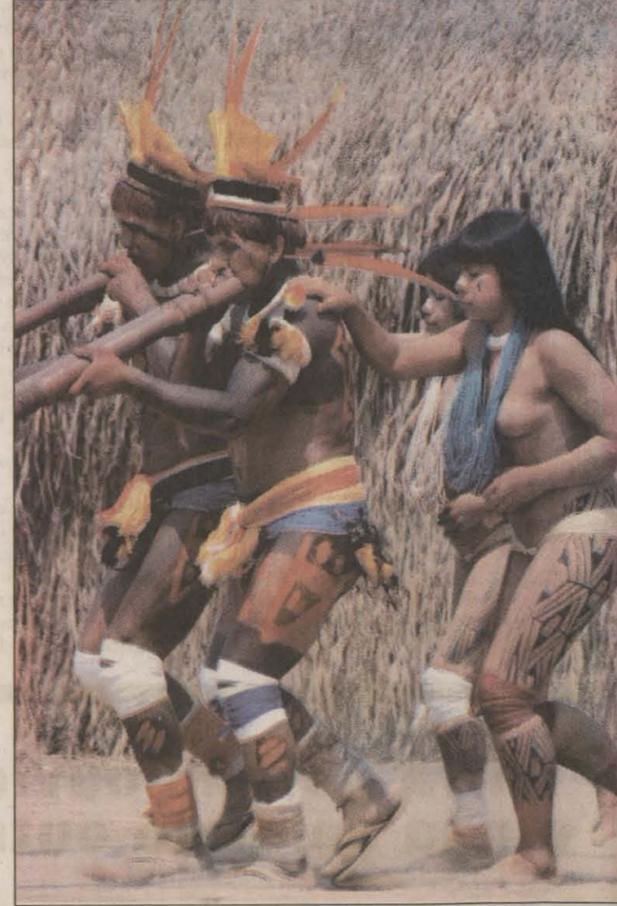
Fogo no Xingu

O Parque Nacional do Xingu é uma reserva indígena ao norte do Mato Grosso, com 1,3 milhão de hectares. Na área vivem aproximadamente 5 mil índios, de 14 etnias e 19 aldeias. As etnias são cuicuro, camaiurá, matipu, iaulapiti, uaurá txcião, aueti, trumai, meniacu, txcarramãe, suiá, juruna, caiabi, capotoo, navucá e panará.

A reserva foi criada, em 1961, pelos irmãos Leonardo, Orlando e Cláudio Villas-Boas, entre outros. Atualmente, sofre com as ameaças de incêndios, já que os focos estão cada vez mais próximos. Uma equipe mista formada por 60 funcionários do Ibama e da Funai seguiu ontem para a reserva, para avaliar a situação.



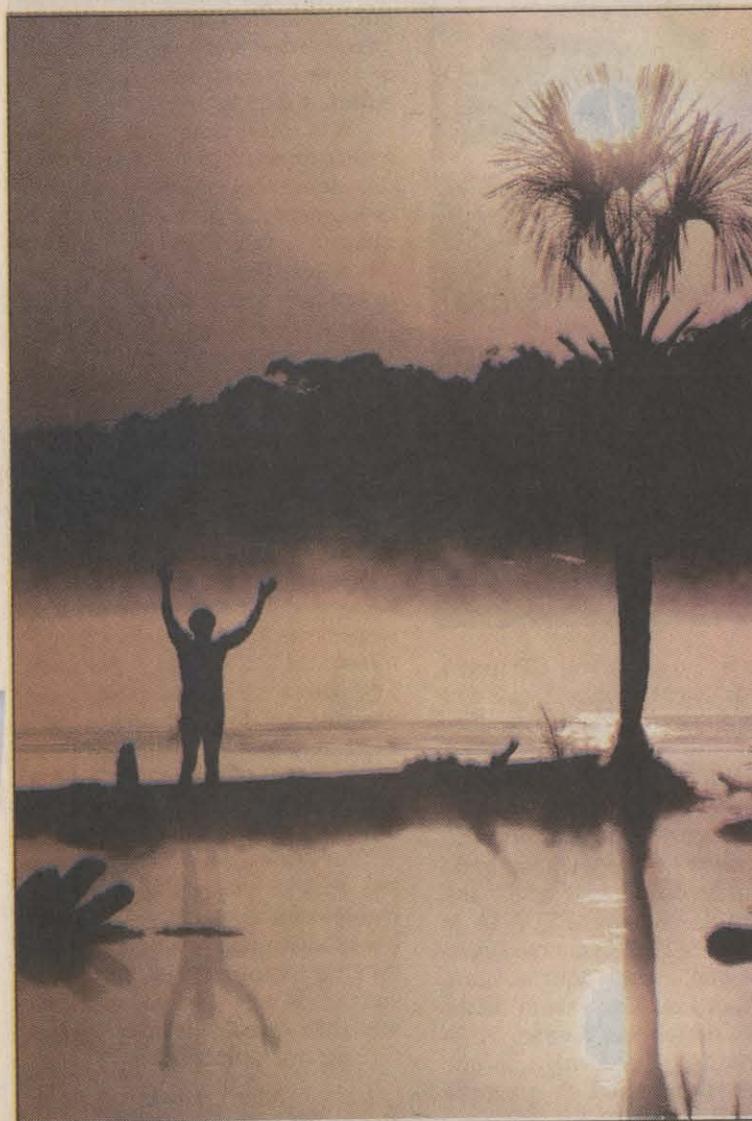
Vários quilos de peixes são defumados para os índios convidados



As virgens participam da festa, depois de meses de clausura



Área destruída por incêndio, próxima à reserva indígena



Fim de tarde na área onde o volume dos rios também diminuiu

Focos de incêndio ameaçam o Parque Nacional do Xingu, onde os índios repetiram, no fim de semana, o ritual que homenageia os mortos

NÁDIA TIMM

A última festa do Quarup de 1998 – a mais importante celebração indígena do Brasil – foi realizada no fim de semana, na aldeia Iaulapiti, no Parque Nacional do Xingu. O ritual que homenageia os mortos reuniu oito etnias, palavra politicamente correta para a designação de tribos, e cerca de 2 mil índios, que acamparam em torno da aldeia. Desta vez, as noites com as estrelas encobertas pela fumaça indicavam a proximidade de um grande incêndio e provocavam indignação. Na opinião dos índios, os responsáveis são os fazendeiros das fronteiras do parque, que insistem em entrar na reserva.

O yayat, uma espécie de chefe do Quarup, foi o cacique Aritana Iaulapiti. Na noite de sábado, um ritual de dança e música marcou o fim de um período de luto. Troncos da árvore quarup, com ornamentos e pinturas, foram instaladas no centro da aldeia Iaulapiti, na frente de uma oca onde as mulheres não entram. Os homens são os protagonistas da festa. Os troncos simbolizam os mortos e um dos objetivos da cerimônia é libertar suas almas que estão “presas à flores e ao rio”, conta o pajé Takumã. Pela tradição, as fogueiras ficam acesas a noite inteira, e muitas vezes há gritos, que são respondidos em coros, para “espantar os males”.

Na pintura corporal, são usados óleo de pequi, jenipapo, urucum e fuligem, e para cada momento da cerimônia, os desenhos são modificados. No huka-huka, quando ocorrem as lutas entre os melhores guerreiros de cada aldeia, o Quarup chega a seu momento de alegria. A pintura, que pode ser executada por homens ou por mulheres, toma novas formas e aparecem elementos simbolizando animais selvagens. Para ser um campeão de huka-huka, os adolescentes são treinados durante o ano inteiro.

A antropóloga Mari Baiochi, coordenadora de Estudos e Pesquisas da Funai, explica que a importância do Quarup também está vinculada às colheitas do próximo ano. “Por essa razão, dez dias antes, eles realizam pesca coletiva e defumam grandes quantidades de peixe”, ensina. A festa tem ainda um forte simbolismo e representa o mito da criação, vinculado, inclusive, à fertilidade. Alguns meses antes do Quarup, uma ín-

dia virgem fica enclausurada e somente ao final da festa ela sai da reclusão pelas mãos do yayat.

A celebração é encerrada com um ritual onde os tocadores de “flautas longas”, acompanhados por duas moças, entram em todas as cabanas da taba, entoando melodias. Em seguida, todos os participantes da cerimônia tomam banho no rio para retirar as pinturas.

O último Quarup do ano foi reservado à comunidade indígena e com poucos convidados não-índios. Entre eles, o embaixador da Alemanha, Claus Duisberg, e Noé Villas-Boas, filho do sertanista Orlando Villas-Boas, um dos fundadores do Parque Nacional do Xingu. Outra convidada especial foi a marchande Célia Câmara, vice-presidente da Organização Jaime Câmara, que está desenvolvendo um trabalho artístico na aldeia Camaiurá.

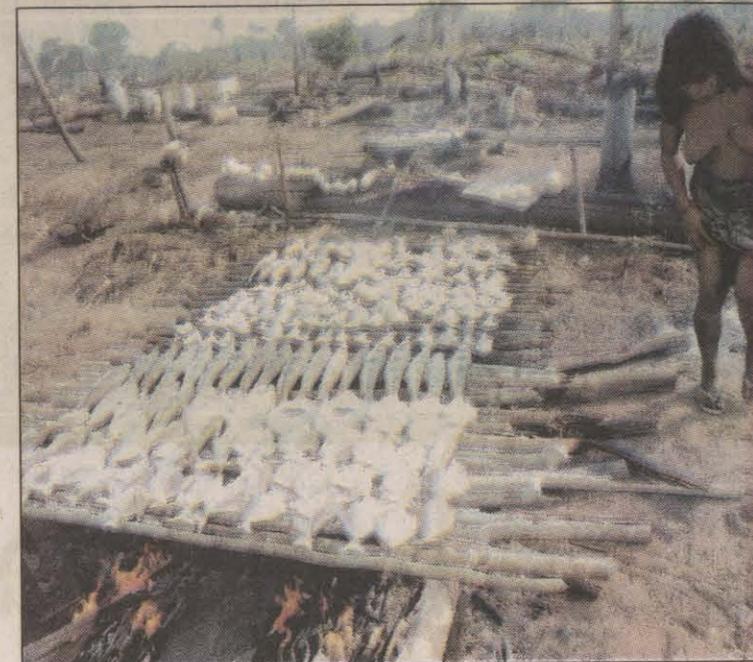
O Quarup realizado em julho – segundo os índios –, foi perturbado pelos 200 visitantes ao Xingu, entre eles 30 jornalistas, que algumas vezes chegaram a invadir a privacidade da comunidade. A questão do uso de imagens sem autorização e sem contrato prévio também está na mira da Funai, que busca medidas eficazes para impedir o abuso.

A cultura é um dos aspectos mais relevantes dessas sociedades e para preservá-la algumas pessoas – carregadas de boas intenções ou não –, em contato com lideranças do Xingu, estão formando organizações, principalmente Ongs, e claramente monitorando as iniciativas culturais dos índios. Fica a questão: até que ponto essa interferência está incidindo sobre a organização indígena e destruindo, aniquilando seu sistema social, político, econômico e cultural? No momento em que se discute os 500 anos de descobrimento, o Quarup tem um dimensão ainda maior. É uma celebração cultural grandiosa que aponta para a necessidade de a sociedade nacional decidir qual é o seu papel na construção de um Brasil onde o índio finalmente tenha vez.

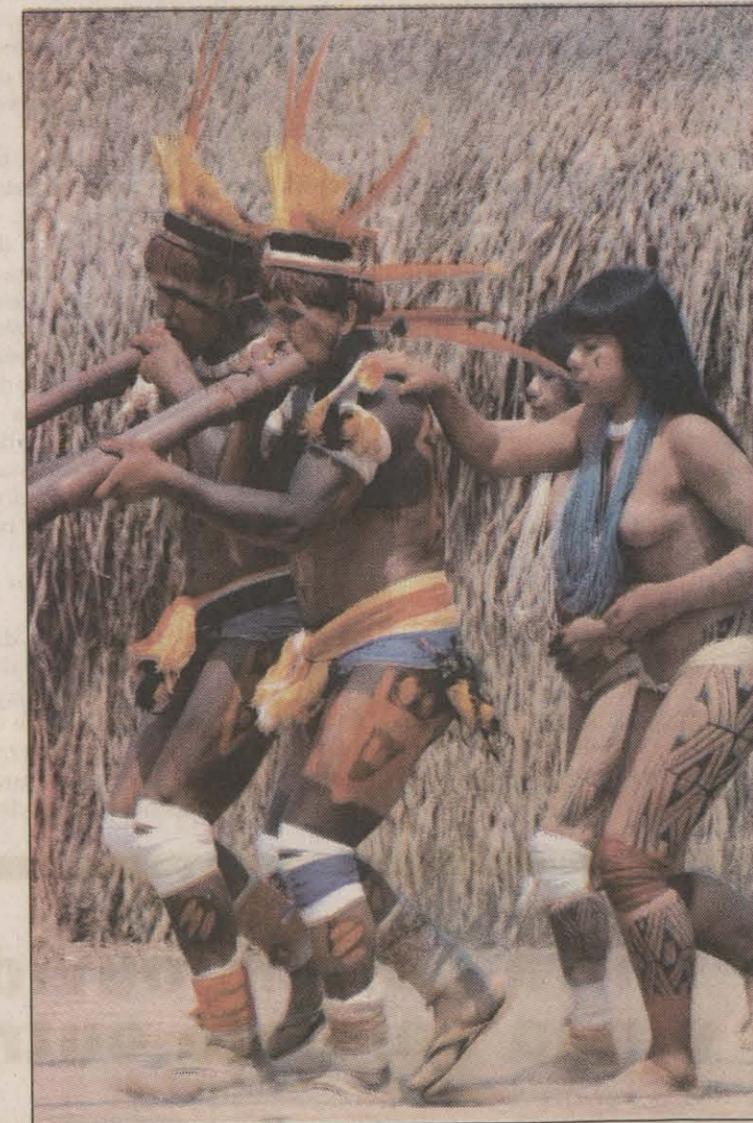
Fogo no Xingu

O Parque Nacional do Xingu é uma reserva indígena ao norte do Mato Grosso, com 1,3 milhão de hectares. Na área vivem aproximadamente 5 mil índios, de 14 etnias e 19 aldeias. As etnias são cuicuro, camaiurá, matipu, iaulapiti, uaurá txcião, aueti, trumai, meniacu, tucarramãe, suiá, juruna, caiabi, capotoo, navucá e panará.

A reserva foi criada, em 1961, pelos irmãos Leonardo, Orlando e Cláudio Villas-Boas, entre outros. Atualmente, sofre com as ameaças de incêndios, já que os focos estão cada vez mais próximos. Uma equipe mista formada por 60 funcionários do Ibama e da Funai seguiu ontem para a reserva, para avaliar a situação.



Vários quilos de peixes são defumados para os índios convidados



As virgens participam da festa, depois de meses de clausura